

ESTE TRABALHO É SOBRE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E PATRIMÔNIO

YASMIN ACOSTA DA SILVA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – yasminacosta96@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de uma discussão sobre patrimônio a partir da tríade ensino-pesquisa-extensão proposta pela disciplina Patrimônio Cultural, onde realizei meu estágio docente. Ela foi ofertada no segundo semestre de 2019, para estudantes de graduação e pós-graduação do curso de Antropologia/Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e ministrada pela Professora Dra. Louise Prado Alfonso. As discussões durante a disciplina se basearam em algumas questões essenciais no que tange ao Patrimônio Cultural, como a deselitização de Bens, escolhas específicas de temporalidade e a socialidade.

Nós, da Arqueologia e Antropologia, entendemos que o Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural são intencionalmente selecionados para preservar determinadas histórias. Até o final dos anos 90, a política hegemônica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) privilegiou (a) os tombamentos e a preservação de edificações em “pedra e cal” de conjuntos arquitetônicos e paisagísticos e (b) a proteção de bens móveis e imóveis considerados de relevância para nação brasileira (ABREU, 2008).

Portanto, quem teve, durante muito tempo, suas histórias contadas e memórias preservadas foram os grupos dominantes. Somente nas últimas décadas que as pesquisas nas áreas das humanidades se voltaram para movimentos que apontam a emergência do Outro no campo no Patrimônio Cultural (ABREU, 2008). Diferentes comunidades começam a se apropriar, cada vez mais, da ideia de patrimônio como um instrumento de luta e, sendo assim, o principal objetivo da disciplina foi questionar qual é o nosso papel frente às narrativas, conflitos e negociações no âmbito do patrimônio?

Quando consideramos a tríade ensino-pesquisa-extensão fica compreensível o poder da indissociabilidade para o processo de aprendizagem de estudantes, enquanto protagonistas da sua formação técnica e, sobretudo, cidadã. O contato entre o aprendizado em sala e a prática, junto à demanda de problemas sociais, auxiliam nosso caminho pela obtenção de conhecimentos necessários para atuar profissionalmente e promover a transformação social. Desejar ir além do espaço físico tradicional, buscando entender como é possível melhorar/transformar a realidade de uma comunidade e apoiar suas lutas, é a união perfeita entre ensino, pesquisa e extensão.

No livro “Extensão ou Comunicação?”, o autor aborda o esvaziamento do conceito de extensão, trazendo uma reflexão sobre como ela vai além do processo de acrescentar algo na vida de alguém, pois isso parte do princípio de que esse alguém não tem “nada” a oferecer em troca (FREIRE, 2013). O autor defende a potência das trocas, diálogos, comunicações e aprendizados mútuos a partir da educação (FREIRE, 2013), que proporciona a construção coletiva do conhecimento. É a partir destes pressupostos que a disciplina e este trabalho são pensados.

2. METODOLOGIA

Ao longo da disciplina, foram apresentadas e discutidas algumas abordagens antropológicas e arqueológicas sobre Patrimônio Cultural e a transformação dos conceitos e das políticas públicas de cultura ao longo do tempo, por meio da análise e interpretação de textos e de estudos de casos. Para aguçar a participação nas discussões e a assiduidade na sala de aula, o plano de ensino estava repleto de encontros com diferentes temas, como: pixos, monumentos, religiões de matrizes africanas, Movimento Tradicional Gaúcho e comunidades negras, com a participação de interlocutoras/es dos projetos de extensão vinculados ao curso.

No que diz respeito à avaliação final da turma, foi pedido que cada estudante escolhesse um tema no âmbito do patrimônio e produzisse um texto que apresentasse sua pesquisa de campo e discussão bibliográfica, aproximando seu tema dos debates e textos lidos durante a disciplina. A construção da avaliação foi estimulada durante todo semestre, afim de que cada estudante aplicasse as reflexões abordadas na realidade de suas pesquisas, bairros, cidades e contextos. A necessidade de ultrapassar o texto acadêmico ocasionou na montagem de uma exposição crítica sobre monumentos nacionais nas dependências do Instituto de Ciências Humanas (ICH).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No último dia de aula, cada estudante apresentou suas reflexões acerca do tema escolhido para o estudo, culminando em um espaço de interação e troca. Para a exposição, trouxeram fotos suas em patrimônios com uma breve descrição crítica. A pergunta que abria a exposição era “Esses patrimônios te representam?”, em seguida vieram as fotografias e instigações. Uma aluna tirou uma *selfie* com o busto de um homem e escreveu: mulheres também foram (e são) doutoras, advogadas, professoras e outras mil coisas a mais que homens! Onde estão seus rostos? Seus monumentos? Sua memória? Já uma aluna se fotografou em um muro pixado, outra em frente ao Mercado Público de Pelotas. A pergunta que encerrou a exposição foi “Por que os patrimônios de Pelotas têm tempo, cor e classe?”.

Figura 1: Exposição da Disciplina Patrimônio Cultural.



Fonte: autora, dezembro de 2019.

Cabe ressaltar que tive a oportunidade de apresentar minha pesquisa de mestrado em uma das aulas, o que somou à minha experiência com a docência. Sou graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e mestranda em Antropologia (com área de concentração em Arqueologia) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Minha dissertação é desenvolvida no âmbito do Projeto de Pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas” do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (UFPEL) e do Projeto de Extensão “Entre vozes e ecos: uma Arqueologia do cotidiano da Praça da Geribanda” do *Liber Studium* – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (FURG).

Desde a graduação, estou engajada com a história da Geribanda, uma praça na cidade de Rio Grande/RS que era vivenciada, no século 19, pela população subalternizada e passa por vários processos de embelezamento e higienização que resultam na atual Praça Tamandaré (SILVA, 2018). Esses processos ainda existem no presente, só que em uma nova roupagem: a revitalização que resulta na gentrificação social. Desde 1964, esse termo é usado para designar diferentes formas de intervenção urbana em áreas ou sítios patrimoniais de alto valor histórico, criando áreas enobrecidas (LEITE, 2010).

Todos os estudos arqueológicos feitos na Praça Tamandaré, evidenciaram narrativas de grupos em processos de exclusão, tanto no passado, quanto no presente. Mas o que vemos patrimonializado lá são discursos que enaltecem a soberania da elite. Diante disso, e do conhecimento adquirido no estágio, fui em busca de ações de extensão que aproximassem a comunidade rio-grandina da história da Geribanda e uma crítica à gentrificação que acontece no presente.

Atualmente, existe um Projeto de Revitalização que prevê, entre outras coisas, a retirada de todos os canteiros de taquaras da Praça. Sabendo das diferentes relações que a comunidade tem com elas, produzimos um vídeo que narra o dia em que as taquaras falaram e lançamos no *YouTube* em dezembro de 2019 (https://youtu.be/MMuiiY_kPEY). Foram mais de 580 visualizações e a maioria dos comentários atrelados à divulgação do vídeo nas redes sociais demonstra a indignação por parte das pessoas que não sabiam dessa possibilidade da retirada dos canteiros.

A segunda ação foi uma Exposição Arqueológica Virtual, intitulada “Um lugar chamado Geribanda” (<https://projetoogeribanda.wixsite.com/expovirtual>). Como alternativa a exposição planejada para ser presencial, elaboramos a virtual com o objetivo apresentar a comunidade o cotidiano de grupos invisibilizados da Geribanda no passado-presente.

Esta foi lançada em agosto de 2020 e já atingimos mais de mil visualizações no site. Até o momento, oito sites diferentes e a edição 15047 do jornal *Correio do Povo* divulgaram a exposição. Das interações que acompanhamos, destacamos (1) os relatos de duas professoras que elogiaram o conteúdo e divulgaram com suas/seus estudantes (2) o potencial da materialidade exposta em evocar sentimentos de afeto e ligação com a Praça. Foram feitos os seguintes comentários na exposição¹: “Adorei a exposição, parabéns! A sensibilidade para tratar o lugar de memória de tantas pessoas, de tantos tempos, muito legal. Sem falar no sentido educativo e provocativo chamando a atenção para a preservação e qualificação do espaço público. Parabéns!” (Gabriela Ferreira). “Foi emocionante! Me reportou aos tempos de colegial, quando eu caminhava pela praça para chegar na escola há quase 60 anos atrás. Cada dia eu fazia um

¹ Disponível em: <https://projetoogeribanda.wixsite.com/expovirtual>. Acessado em 13 set. 2020.

caminho diferente e em cada caminho eu descobria novidades belas que me encantavam sempre. Passados todos estes anos, a Praça ainda me surpreende com as histórias que vocês contaram. Muito obrigada!” (Maria Isabel Fazio). “Amei! Especialmente a parte que faz a conexão com as pessoas excluídas, que fazem parte da história de todos nós. Cheguei em Rio Grande em fevereiro/2020 e pouco conheci em razão do isolamento. Tinha ouvido falar, que todas as ruas levam à Praça Tamandaré, mas ainda não sabia da Geribanda ou que já tinha sido um pequeno zoológico ou das lutas que se travaram e que ainda se travam ali. Parabéns pelo resgate e por honrarem a história da cidade e do povo. Quem sabe um dia, possamos instalar ali uma Casa de Sonhos...” (Liliane Vieira).

As ações de extensão, instigadas no estágio docente, foram importantes pois (a) entendi como tratar de alguns patrimônios e grupos invisibilizados ao longo da história da Praça Tamandaré, a partir da Arqueologia e (b) a comunidade pode refletir sobre como o Patrimônio Cultural da cidade pode estar, também, no cotidiano de uma praça. Saber que fez ou faz parte de um patrimônio é, muitas vezes, mais eficaz frente aos processos intencionais que não valorizam saberes, histórias e vivências de grupos que constroem e vivem o cotidiano da cidade.

4. CONCLUSÕES

Considero que a disciplina proporcionou a articulação ensino-pesquisa-extensão, uma vez que (a) tivemos contato com conceitos e métodos relacionados ao Patrimônio Cultural, (b) realizamos exercícios práticos de campo e (c) levamos os conhecimentos adquiridos para nossas pesquisas individuais, onde estabelecemos uma relação de troca com a comunidade externa. Trazer minha pesquisa pra dentro da sala de aula me ajudou a pensar ações de extensão, gerando dados para apresentar e refletir na escrita da dissertação.

Como bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), realizei o estágio docente na modalidade de disciplina obrigatória. Esta experiência me fez perceber a importância das práticas indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão universitária, o que contribuiu para a minha formação acadêmica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, R. A Emergência do “Outro” no campo do Patrimônio Cultural. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo: Suplemento 7, p. 9-20, 2008.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LEITE, R. P. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 73-88, 2010.

SILVA, Y. A. d. **Arqueologia da Geribanda: (re)existências no passado-presente**. 2018. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), Universidade Federal do Rio Grande (FURG).